



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## DESAFIOS DO FEMINISMO: PRODUÇÃO INTELECTUAL E ATIVISMO

Autor (Verônica de Barros Santos); Co-autor (Poliana de Souza Rodrigues)

Universidade Federal de Sergipe, [vebstos@yahoo.com.br](mailto:vebstos@yahoo.com.br); Universidade Católica do Salvador, [poliana.srodriguesadv@gmail.com](mailto:poliana.srodriguesadv@gmail.com)

**Resumo:** O artigo tem como objetivo apontar os desafios dos estudos feministas e de gênero no contexto da produção intelectual das abordagens pós-moderna, pós-estruturalista, pós-colonial, dos estudos culturais e subalternos. Em uma breve análise sobre cada abordagem identificamos pontos congruentes entre as mesmas e fios condutores das discussões atuais sobre opressões de gênero e das diferentes formas de expressão da sexualidade. Destacamos autores considerados como representantes do movimento de renovação teórica, que contribuiu para problematização da própria produção intelectual. Por fim, ressaltamos que a interação entre a esfera intelectual e dos movimentos sociais colabora para que as questões de gênero continuem presentes nas agendas de debate e das lutas sociais.

Palavras-chaves: Estudos Feministas; Questões de Gênero; Renovação Teórica.

### 1 INTRODUÇÃO

A trajetória do movimento feminista é marcada pela tentativa de construção de uma categoria identitária como forma de universalizar as condições da opressão feminina. Esta tentativa também visou criar uma luta política de enfrentamento às formas de desigualdades de gênero. No primeiro momento o sujeito do feminismo era a mulher, uma categoria fixa e global que não alcançava as diferentes desigualdades de gênero. A partir dos anos de 1970, as teorias feministas e de gênero sofreram influências dos movimentos de renovação teórica e as suas teses e concepções foram reelaboradas

sob a interferência do pós-modernismo, do pós-estruturalismo, dos estudos pós-coloniais, culturais e subalternos.

Na modernidade nos orientamos por múltiplos discursos. São religiões, concepções filosóficas, políticas, educacionais etc. Existem grandes concepções e o embate entre elas ganha conotação de liberdade. Cada um pode ter e defender a sua perspectiva. Na pós-modernidade, as metanarrativas são colocadas em xeque e surge a descrença nos grandes discursos. A pós-modernidade é a perda da credibilidade das metanarrativas (LYOTARD, 2013, p. 26).

Com o advento dos estudos pós-estruturalistas a centralidade da categoria



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mulher foi problematizada e uma espécie de desdobramento das lutas feministas e do reconhecimento de diferentes identidades deram origem ao feminismo negro, ao feminismo lésbico, ao feminismo de pessoas transexuais, entre outros. A renovação teórica foi importante para constituir outros vieses de estudo, por exemplo, os estudos Queer.

Os estudos pós-coloniais fazem a reflexão sobre relações de poder e contesta a dominação científica dos países colonizadores sobre os colonizados. Representa uma tentativa de teorização das continuidades e descontinuidades das relações coloniais imperiais após a chamada descolonização do terceiro mundo. As relações de poder a que se refere trata de diferentes campos da vida social, pessoal, coletiva, nas esferas cultural, política, epistémica, econômica (BAHRI, 2013, p. 660).

A teorização das relações de gênero passou a ser influenciadas também pelos estudos culturais, que por sua vez, desconstrói a ideia de identidade como uma unidade que representa o sujeito. Ao invés de um sujeito portador de uma única identidade, passa-se a falar do sujeito composto de diferentes identidades: de gênero, de classe, de etnia, de nacionalidade, etária (COSTA, 2014, p. 85).

Os estudos subalternos dizem respeito a vertente inaugurada por Gayatri Chakravorty Spivak em seu livro: “Pode o

Subalterno Falar?”. O trabalho se enquadra nos estudos pós-coloniais. O subalterno é qualquer pessoa que esteja impedido de se auto representar, aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p.12). Esse entendimento de camadas baixas não se refere somente à classe social, mas a lugares sociais, por exemplo, o lugar da mulher é uma posição subalterna.

É mais fácil falar em pontes entre essas abordagens do que em fronteiras. Muitas vezes esses termos são utilizados como sinônimos, a razão disso deve ser por existirem mais pontos de congruências entre eles do que de divergências. Nesse sentido, faremos uma breve exposição teórica das abordagens a fim de apontar essas semelhanças e as suas influências nas teorias feministas e de gênero. Assim, propomos direcionar as reflexões sobre as novas perspectivas dos feminismos e dos estudos de gênero à luz das abordagens pós-moderna, pós-estruturalista, pós-colonial e dos estudos culturais e subalternos.

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PÓS-MODERNIDADE, O PÓS-ESTRUTURALISMO, O PÓS-COLONIALISMO E OS ESTUDOS CULTURAIS E SUBALTERNOS



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A definição de pós-modernidade, pós-estruturalismo e pós-colonialismo está atrelada ao conceito de modernidade, estruturalismo e colonialismo, respectivamente. Vale salientar que o uso da partícula “pós” é alvo de questionamentos, uma vez que encerra uma codependência dos conceitos. Sendo assim, esses termos agregam em seus sentidos os significados dos termos referentes, seja com a ideia de antagonismo, de continuidade ou de superação.

A Pós-modernidade tem como característica a superação das grandes narrativas e da razão como fio condutor de um objetivo comum. Os valores na modernidade são universais e positivos e abriga a ideia de um progresso científico, tecnológico e industrial que conduziria a humanidade a um futuro promissor. Na pós-modernidade há uma desesperança e um descrédito do que foi e será produzido (LYOTARD, 2013, p. 15).

O contato com as tecnologias digitais promovem uma ideia de discursos presentes. Os valores são fragmentados, as questões da vida são incertas, tudo é móvel, nada é fixo. É nesse sentido que nos deparamos com a fragmentação das identidades. A sexualidade passa a ser objeto de reflexão dessa movimentação das identidades. Há uma quebra da identidade canônica do binarismo homem e mulher e passa-se a considerar as

identidades híbridas e a movimentação das identidades. Outro modelo fixo que passa a ser desconstruído é a identidade nacional considerando os vários intercâmbios de povos e culturas.

Para Harvey (1992) a pós-modernidade tem como proposta resolver os problemas da modernidade. Assim, precisa lidar com as diferentes formas de alteridade que surgem do individualismo, da subjetividade, do comercialismo e do empreendedorismo. Embora a pós-modernidade apresente discursos de transformações históricas referentes ao período moderno, ambos estão relacionados ao conjunto de transformações decorrentes da atividade capitalista.

O pós-estruturalismo é uma revisão do estruturalismo clássico e das tradições estruturalistas. Faz uma crítica à cristalização cultural representada nos arranjos simbólicos como, o pensamento, as teorias, as organizações sociais. A cultura ocidental, até então vista como modelo universal, dá lugar ao multiculturalismo. O pensamento pós-estrutural, na perspectiva Deleuze é rizomático, ou seja, não há um centro como a razão no pensamento moderno. O pensamento é criado e influenciado por vários feixes de ideias ou de discursos.

Essa abordagem é marcada pela influência de autores como Foucault, Derrida



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

e Lacan. O pensamento de Foucault e Derrida vai questionar a tradicionalidade da literatura, por exemplo, a ideia de autor como sujeito que cria algo original. Ao contrário um texto como discurso é atravessado por uma série de outros discursos, como jurídicos, religiosos, políticos. O que interessa é identificar o caráter produtor de discursos nessas instituições.

Arrojo (1996, p. 61) destaca o pensamento desses autores explicando que, para Derrida, o texto não é um objeto pronto produtor da própria retórica, como um jogo produtor da sua alegoria, mas pressupõe uma máquina discursiva. A autora ainda destaca que em Lacan, o texto pressupõe níveis psicológicos e linguísticos que se fundem na prática da leitura e gera uma nova forma de compreensão. Nessa nova forma de entender a relação autor-texto o sujeito entra em crise, uma vez que o sujeito-autor não é mais o ponto central de interpretação do texto e sim o receptor.

A proposta do pós-colonialismo é a de observar a vida social com as lentes dos colonizados. Nesse sentido é preciso pensar a construção do conhecimento nos países colonizados questionando as interpretações feitas a partir dos modelos dos colonizadores. A tradição científica dos países centrais ganhou expressão acadêmica do colonialismo que considera a periferia como incapaz de

produzir teorias de médio e longo alcance. Em reação a esse pensamento os chamados países da periferia se propuseram a pensar as próprias realidades.

O resgate do pensamento político latino-americano é um movimento do pós-colonialismo e tem uma carga anti-colonial que influenciou a produção acadêmica e os movimentos sociais. O feminismo nos estudos pós-coloniais está ligado ao projeto de pós-colonialidade literária e suas relações com a leitura crítica e a interpretação de textos coloniais e pós-coloniais. As pretensões na pós-colonialidade são, portanto, enfatizar a importância das questões de gênero na história, na política e na cultura (BHARI, 2013, p. 660).

A produção intelectual pós-colonial significou uma renovação nesse campo. Esse movimento se inicia nos trabalhos teóricos de alguns estudiosos como Edward Said, Hommi Bhabha e Gayatri Chakravorty Spivak. Esses autores nasceram em países periféricos e fizeram as suas carreiras acadêmicas em países centrais. Suas experiências de vida foram, portanto, o vetor das suas reflexões sobre a realidade social e a construção do conhecimento.

Dentro dos estudos culturais encontramos os estudos subalternos. Gayatri Chakravorty Spivak é uma autora que representa o movimento teórico. Os seus



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

trabalhos têm como enfoque principal a fala do subalterno. Para a autora, o subalterno já fala há muito tempo, no entanto, ele não é escutado, pois as elites não estão preparadas para ouvir (SPIVAK, 2010, p. 55). O subalterno não é uma identidade, mas uma posição social.

Edward Said propõe um novo humanismo nos estudos teóricos ao criticar o humanismo tradicional como uma vertente que esboça grandes tradições a serem seguidas e a ideia de um bom homem, um exemplar humano (SAID, 1990, p. 21). A noção de homem em seu livro “O Orientalismo”, busca problematizar a noção de homem do ocidente, suas condutas, seus costumes que devem ser seguidos por toda a sociedade. O homem exemplar ocidental existe porque existe o homem oriental e vice-versa. Um é correspondência do outro. Assim são criadas as realidades correspondentes, para uma dar razão de existência para outra. Essas realidades nada mais são do que ideias originárias de tradições de pensamentos que lhes dão realidade e presença. O Oriente existe para o Ocidente (SAID, 1990, p. 17).

A proposta do novo humanismo de Said busca estabelecer um novo marco comparativo com a fusão de horizontes, extraindo o que há de melhor em cada sociedade. Critica as concepções de identidades fixas e hierarquizadas que

representam dicotomias e que marcam hierarquias de poder. Por exemplo: oriente/ocidente, progresso/atraso, desenvolvido/subdesenvolvido. Essas dicotomias desprezam os hibridismos que caracterizam a realidade concreta.

Há uma relação entre a cultura e a política em função das representações sociais recebidas e negociadas. Essas representações não são simplesmente impostas aos indivíduos, mas pressupõe âmbitos de poder. Ou seja, há uma mediação na imposição da representação. Para Said (1990, p. 18), o campo da cultura não é estruturado e fixo e acima dos indivíduos. Ao contrário, ele está em constante movimento e reflete os valores e práticas dos indivíduos. Esse intervalo de tensão é o meio propício para a contestação.

Os estudos pós-coloniais também discutem a questão da representação. O que é produzido como discurso reflete concepções sobre algo que se cristaliza historicamente e se torna uma ideia original sobre alguma coisa. Esse é o argumento usado por Said para explicar as noções dominantes em torno do Oriente, uma vez que elas foram produzidas no Ocidente e para o Ocidente. A representação tem uma dimensão discursiva que produz ações e pensamentos. Não se trata de uma imposição de uma classe ou um grupo, também não são meros impedimentos



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de ações. Os discursos são mediados e nessa mediação cria indivíduos.

A construção de uma teoria com conceitos que não são necessariamente oriundos dos países centrais representa o viés da descolonização da história das relações internacionais. A busca é pela relativização da visão eurocêntrica por meio de uma crítica epistemológica (ELÍBIO; ALMEIDA; LIMA, 2013, p. 454).

A crítica pós-colonial se refere à busca de uma nova leitura da realidade fundamentada nos conceitos e ideias dos estudos produzidos nos países centrais. Said chama esse domínio do saber de imperialismo. O saber imperialista não é uma categoria econômica fundada na busca da ampliação do capital no mundo, mas está relacionado à força das representações como tentativa de imposição de uma visão, geralmente dicotômica: o desenvolvido versus o atrasado, etc.

O domínio do saber estabelece uma relação de poder na tradição científica entre os países colonizadores e os seus colonizados. Nesse aspecto, entendamos essa relação de poder observando o poder nos efeitos discursivos, como sugere Foucault (1979, p. 182). A relação entre saber e poder envolve a produção das representações, ou seja, da cultura. Esse poder assume um domínio político para além do Estado e das

instituições, presente nas bases da sociedade e da prática cotidiana. O poder é uma dimensão discursiva que envolve os procedimentos de exclusão, definindo quem pode ou não pode proclamar os discursos.

Fazendo uma reflexão em conjunto com a ideia de Spivak (2010) sobre os subalternos, podemos afirmar que os discursos é um mecanismo de criação da condição subalterna da mulher, do oriental, do homossexual, do índio, entre outros, visto que, durante muito tempo não foram portavozes da própria mensagem. Os arranjos culturais em que estão inseridos foram produtos de discursos de classes dominantes.

As dimensões da cultura e da política são relacionadas entre si. Em Said (1990, p. 26) cultura e imperialismo, e cultura e política referem-se à mesma questão. Contudo, o entendimento de cultura trabalhado por Said não se refere à cultura de uma nação no sentido nacionalista e não é a alta cultura representada nas grandes obras. A cultura é a tradição revelada nos modelos discursivos (SAID, 1990, p. 14).

A esfera das representações não se resume à imposição, mas indica uma possibilidade de resistência, o que pode ser visto nos movimentos de independência que ocorreram no século XX. Contudo há que se ter cuidado ao tratar do tema das representações em dois sentidos:



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

representação pode reforçar a ideia da identidade e isso traz uma dimensão fixa da política, como por exemplo, no multiculturalismo enquanto projeto político que tenta reforçar identidades parciais, fixas e homogêneas. Outra questão é a forma nacionalista que reforçam ideias separatistas e de essência e superioridade de alguns povos.

Mas a cultura e as representações também indicam uma possibilidade de negociação dessas representações como mediações, invenções, criações e fusões de identidades que ocorrem na realidade e podem ser constatadas empiricamente nos movimentos políticos. A cultura abriga a dupla dimensão da imposição e da resistência.

Essa análise da cultura traz a percepção ambivalente de que a ela serve ao poder, mas também serve aos projetos de resistência que abrem caminhos para criação de novas formas de realidade. Nesse escopo, o movimento feminista se insere no cenário dos estudos pós-coloniais. Segundo Bhari (2013, p. 662) há uma grande aproximação entre a teoria feminista e a teoria pós-colonial. Ambas se ocupam de temas semelhantes: representação, voz, marginalidade e da relação entre política e literatura.

O tipo de reflexão que os estudos pós-coloniais possibilitam é a problematização de teorias utilizadas e ideias reproduzidas que contribuem para a manutenção do poder na

sociedade. Esse aspecto político da abordagem teórica cria condições para algumas transformações sociais. Nesse ponto encontramos espaço para a agência. No mundo contemporâneo a cultura está relacionada à criatividade e à reflexividade dos agentes, e essas são as condições para criação de novas categorias políticas e movimentos de resistência, por exemplo: novas formas de sexualidade.

A ideia de transformação social aproxima alguns autores da pós-colonialidade à influência marxista ou neomarxistas, uma vez que, a discussão parte de uma noção de que a teoria e a elaboração de teorias é um instrumento de poder. A transformação emerge da dupla hermenêutica em que a teoria tenta alimentar a prática e a prática desafia as teorias. Por exemplo, fenômenos sociais recentes, como as grandes manifestações e outros movimentos coletivos, carecem de um arcabouço teórico para ser explicado e não meras teorias e categorias isoladas.

E termos gerais, a geopolítica do conhecimento no pensamento colonial nas ciências sociais colocou o norte como protagonista do processo de elaboração teórica, inclusive pensando o sul. Mas já no século XIX algumas ações políticas levaram à reflexão e teorização das questões da América-latina. É importante tratar a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

colonialidade junto à ideia de poder diante do processo do imperialismo do saber. Para Quijano, (1992, p. 74) a imperialidade na lógica da colonialidade do poder é o projeto global da ideologia eurocêntrica que se manifesta nas dimensões do ser e do conhecimento.

Em geral, a quebra do *status quo* é o ponto de diálogo entre os estudos que têm como perspectiva recontar a história contada pelos dominadores. Alguns são mais marcados pela sua perspectiva política. Os estudos culturais, subalternos e decoloniais têm como projeto político dar voz aos marginalizados. Tentam compreender os processos simbólicos que promovem a marginalização de certos segmentos sociais. As análises dos meios midiáticos, da política, da religião são feitas no sentido de identificar os mecanismos de marginalização de segmentos, como as mulheres, os negros, os homossexuais. Busca-se compreender os elementos de poder e os processos de subalternização.

Os estudos culturais, por exemplo, analisam como as instituições sociais estabelecem relações de poder elegendo certos segmentos como dominantes em detrimento de outros que ficam à margem. Muitas vezes se aposta na inversão de papéis, como o de um protagonista desviante de um filme, utilizando-se de tal suporte para

discutir e buscar entender as questões sociais que o levaram ao crime.

As desigualdades de gênero têm sido adotadas como conteúdo de discussão em diferentes esferas da produção cultural e do saber. Evidenciar o processo histórico de opressões e as razões políticas, sociais e culturais para transformação de estereótipos e crenças limitadoras é um desafio para os estudos e os movimentos sociais de gênero.

### 3 CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE

A cultura regula normativamente as ações dos sujeitos e sofre as influências das transformações globais. Segundo Hall (2006, p. 10) os sujeitos foram definidos e marcados ao longo da história a partir de concepções, as quais podem ser entendidas de três formas: na concepção iluminista os sujeitos nascem com identidades que se desenvolvem ao longo da vida; na concepção sociológica os sujeitos apresentam um núcleo interior, mas sofrem influências do meio em que vivem; e na concepção pós-moderna se refere às condições contemporâneas da sociedade que criam novas formas de representação, novos grupos identitários e novos valores que se diferenciam das antigas estruturas sociais.

Falar da identidade dos sujeitos na pós-modernidade é pensar em um sujeito possuidor de uma identidade em



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

fragmentação que, ao mesmo tempo, é composta por várias identidades. Portanto, não há uma identidade essencial, fixa ou permanente (HALL, 2006, p. 34).

Na perspectiva das novas formas de organização da sociedade os valores soberanos não encontram mais espaço. Há uma multiplicidade de grupos que disputam valores em meio às relações de poder, nos processos de significação em que participam. A multiplicidade das identidades não está organizada em uma unidade estruturada e fixa, ela é transitória e fluida, capaz de abrigar múltiplas identidades, como, a identidade de gênero, de classe, de raça de nacionalidade.

Ao lançar o questionamento “a identidade está em crise?”, Hall direciona a instabilidade de um modelo de identidade essencial a partir de alguns aspectos como: as formas de vivenciar a identidade, o conceito de identidade, a noção de sujeito portador de uma identidade estável e unificadora, as identidades mestras, quais sejam, nacionalidade e classe social, e aquelas inventadas pelas tradições, voltadas à preservação de um passado, identidade étnica e racial.

Para Hall, o sujeito pós-moderno vai analisar a concepção de identidade que lhes são apresentadas. Ele é um sujeito deslocado, descentrado, sem certezas e perplexo diante de uma variedade de referências. É importante

contextualizar que Hall considera o fenômeno da mudança como a modernidade tardia, relacionando-a aos efeitos causados pelo processo de globalização. Portanto, a formação das identidades nas sociedades modernas tardias é marcada pelas descontinuidades, deslocamentos e pelos laços frouxos com os grupos. Se nas sociedades modernas a referência era o passado, a lógica era a estabilidade e os laços com os grupos e as instituições eram mais sólidos, na pós-modernidade, as referências são as novas informações, a lógica é a mudança e os laços são mais fluidos.

A política começa a lidar com as identidades como estratégia para produção de legitimidade. Para entender o “jogo das identidades” Hall apresenta o caso do juiz Clarence Thomas<sup>1</sup>, para ilustrar como

---

<sup>1</sup> Em 1991, o então presidente americano, Bush, ansioso por restaurar uma maioria conservadora na Suprema Corte americana, encaminhou a indicação de Clarence Thomas, um juiz negro de visões políticas conservadoras. No julgamento de Bush, os eleitores brancos (que podiam ter preconceitos em relação a um juiz negro) provavelmente apoiariam Thomas porque ele era conservador em termos de legislação de igualdade de direitos, e os eleitores negros (que apoiam políticas liberais em questões de raça) apoiariam Thomas porque ele era negro. Em síntese, o presidente estava “jogando o jogo das identidades”. Durante as “audiências” em torno da indicação, no Senado, o juiz Thomas foi acusado de assédio sexual por uma mulher negra, Anita Hill, uma ex-colega de Thomas. As audiências causaram um escândalo público e polarizaram a sociedade americana. Alguns negros apoiaram Thomas, baseados na questão da raça; outros se opuseram a ele, tomando como base a questão sexual. As mulheres negras estavam divididas, dependendo de qual identidade prevalecia: sua identidade como negra ou sua identidade como mulher. Os homens negros também estavam divididos,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

funciona o jogo das identidades e as suas consequências políticas.

No trecho que relata o caso do juiz, Hall (2006, p. 19) demonstra os tipos de descentramentos da identidade, quais sejam: a interpretação althusseriana de Marx, a descoberta do inconsciente de Freud, a linguística estrutural de Saussure, a genealogia do sujeito moderno de Foucault e o feminismo como crítica teórica e movimento social.

É o descentramento da identidade e as consequências no feminismo que nos interessa. O feminismo, portanto, sinaliza uma inovação ao afirmar dimensões subjetivas e objetivas da política, trazendo as questões culturais como traço principal da expressão política e reflete o enfraquecimento da organização política em torno da identidade da classe social (HALL, 2006, p. 44).

Um dos trabalhos mais utilizados nos estudos feministas e de gênero para tratar das

---

dependendo de qual fator prevalecia: seu sexismo ou seu liberalismo. Os homens brancos estavam divididos, dependendo, não apenas de sua política, mas da forma como eles se identificavam com respeito ao racismo e ao sexismo. As mulheres conservadoras brancas apoiavam Thomas, não apenas com base em sua inclinação política, mas também por causa de sua oposição ao feminismo. As feministas brancas, que frequentemente tinham posições mais progressistas na questão da raça, se opunham a Thomas tendo como base a questão sexual. E, uma vez que o juiz Thomas era um membro da elite judiciária e Anita Hill, na época do alegado incidente, uma funcionária subalterna estavam em jogo, nesses argumentos, também questões de classe social.

identidades é o de Judith Butler. Conhecida pela sua reflexão filosófica acerca do gênero, a autora discute a sexualidade a partir de uma proposta política e não cultural ou comportamental. Ela faz uma crítica aos caminhos correntes do movimento feministas ao associar a categoria mulher como “O Sujeito” do feminismo (BUTLER, 2017, p. 18). Para a autora, essa categoria fixa não comporta as diferentes formas de identidades fluidas. Assim, é preciso problematizar o posicionamento político que compreende o termo mulher como identidade comum. Encarar o feminismo como instância universal de lutas comuns é considerar que a ideia de identidade das mulheres é a mesma nas diferentes culturas e estruturas políticas.

Outro problema apontando por Butler é a noção binária de masculino e feminino que acaba por descaracterizar outros fatores relevantes como classe, raça, etnia, faixa etária, nacionalidade e outros eixos de poder que constituem os sistemas de identificação social. A proposta é o rompimento com a noção binária e ontologicamente construída de masculino e feminino, que exerce o domínio normativo. Esse domínio se expressa de diferentes formas: instaura a ordem compulsória do sexo, do gênero e do desejo; reforça a ideia de normatividade masculina e a defesa da perspectiva feminina como oposição; e estabelece a aplicação do termo



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

homem apenas aos corpos masculinos e do termo mulher aos corpos femininos (BUTLER, 2017, p. 26).

Assim, não há motivos razoáveis para que os gêneros devam permanecer em número de dois. O fator determinante do binarismo é a sociedade heteronormativa regulada juridicamente. Neste ponto, a autora se fundamenta em Foucault e a ideia do controle dos corpos e dos desejos das pessoas para fins políticos, econômicos e sociais (BUTLER, 2017, p. 192).

Para Butler o feminismo seria a luta por uma identidade comum, ainda que essa identidade seja ilusória. Mas ela permite viver de forma simples e pragmática aceitando a ideia de que o corpo é uma situação. Esse pensamento dialoga com Beauvoir e a sua clássica afirmação: “não se nasce mulher, torna-se”. Assim, a mulher pode ser pensada como “um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim” (BUTLER, 2017, p. 126).

A proposta da teoria é superar a tradição binária que desde Platão “estabelece a estrutura dual de realidade que se somou a questão de gênero promovendo a ideia de que masculino e feminino são instâncias opostas” (BUTLER, 2017, p. 35). Desse pensamento surgiram estereótipos do tipo mente-masculinidade e corpo-feminilidade. O

abandono da estrutura padronizada de sexo, gênero e desejo auxilia no processo reflexivo sobre as pessoas e não sobre as unidades de experiência que comportam a pretensa busca por uma identidade comum. Nesse sentido, Butler (2017, p. 238) afirma que o gênero não deve ser pensado como uma identidade, e sim como uma performatividade constituída.

Por fim, a perspectiva histórica é outra forma de pensar a identidade no escopo das abordagens aqui propostas. Para Quijano (1992) a identidade pode ser resultado da colonialidade ou da desigualdade no poder. Assim, ele explica a identidade como uma categoria relacional, intersubjetiva e histórica. É estabelecida em uma parte e em um modo das relações na história. Elas se modificam se cancelam, entre as diversas formas organizadas de existência social. Não é propriedade ou atributo de entidades isoladas, ou seja, não pertence a uma nação ou um povo. Não é algo dado, preexistente a sua própria história que deveria ser descoberto e assumido, mas se constrói em diferentes percursos (QUIJANO, 1992, p. 73).

## 4 DESAFIOS DO FEMINISMO

Com mais de um século de discussões sobre a condição da opressão da mulher na sociedade, as teorias feministas passaram por



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

processos de mudanças junto às transformações culturais, sociais, econômicas e, também, teóricas e epistemológicas. O feminismo como vertente teórica ou como movimento político, foi influenciado por tais transformações e passou a observar as relações de poder que envolvem as questões do gênero através de novas lentes.

A finalidade das abordagens aqui consideradas, a saber: o pós-modernidade, o pós-estruturalismo, o pós-colonialismo, os estudos culturais e subalternos, é criar mecanismos de observação e compreensão que possam alcançar as mudanças sociais contemporâneas, abdicando das grandes narrativas que outrora orientaram o campo científico. O feminismo enquanto corrente filosófica está inserido nesse movimento de renovação. Nesse sentido, as experiências em tono do gênero e da sexualidade passam a ser interpretadas de outra forma e a teorização e a prática feminista e de gênero ganha novos sujeitos.

Neste processo, algumas ideias precisam ser abandonadas. Por exemplo, a de que as mulheres já conquistaram tudo que almejaram conquistar. Essa argumentação recai mais uma vez na concepção de uma categoria fixa, da mulher que conquistou o mercado de trabalho, alguns espaços de poder e outros espaços sociais. Esse pensamento deixa de considerar as várias nuances da

condição da mulher que é atravessada por outros marcadores sociais. “O feminismo teve relação direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico” (HALL, 2006, p. 45).

As opressões de gênero fazem parte fortemente das relações sociais e preenchem estatísticas que demonstram a violação que mulheres e pessoas que não se enquadram na matriz heterossexual (BUTLER, 2017, p. 71) ainda sofrem. Os altos índices de violência doméstica, de feminicídios e de crimes de ódio praticados contra pessoas gays, lésbicas, transexuais e outras pessoas interpretadas socialmente a partir da sua sexualidade. Essa é uma questão social que requer atenção do poder público e da sociedade e da tradição intelectual. Podemos considerar que esse é um desafio político dos estudos feministas e de gênero.

Muitos desafios perduram, bem como outros surgem. Os direitos sexuais e reprodutivos ainda são alvo das tradições religiosas e culturais que influenciam o sistema jurídico nas decisões. No âmbito da carreira profissional, a maternidade e as diferenças salariais entre homens e mulheres continuam sendo um dos maiores problema na dimensão mais pragmática das relações sociais. Além disso, muitas pesquisas têm mostrado que os homens continuam alcançando o topo da carreira muito mais do



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

que as mulheres, e uma das explicações é por disporem de mais tempo para se dedicar. Isso demonstra que as questões domésticas e familiares ainda são relegadas às mulheres. Com afirma Spivak (2010, p. 67) o sujeito subalterno feminino continua na obscuridade.

Frente aos desafios, a articulação entre a produção intelectual e o ativismo feminista e de gênero, tem um papel importante no contexto das transformações sociais no momento atual da pós-modernidade, pós-colonialidade ou contemporaneidade, seja como for definido. Nesse sentido, o ativismo tem se organizado em diferentes segmentos representativos procurando estabelecer um diálogo formal para que seja possível traçar estratégias e diretrizes de resistência e avanço das conquistas.

O intercâmbio de experiências acadêmicas e de outras vivências sociais é uma das formas dessa organização. A realização de encontros, seminários, congressos reuniões, eventos acadêmicos, tem promovido a circulação de estudiosos da área e um ativismo institucionalizado ou voltado às instituições.

O movimento feminista enquanto movimento histórico se transformou em várias caras, várias bandeiras, várias cores, várias línguas. Mesmo com as suas contradições internas, a essência continuou sendo a equitatividade e entre os gêneros e o

respeito às formas de expressão da sexualidade.

Em geral, podemos dizer que o projeto do feminismo continua sendo pensar as formas de barrar o movimento histórico de opressão das mulheres, considerando aqui nas mais diversas formas de manifestação do que seja ser mulher na contemporaneidade. Os debates de gênero somam-se no sentido de alargar as discussões sobre as diferentes formas de expressão da sexualidade. O desafio, então, é compreender que o sujeito do feminismo não é mais uno e central. Mas esse sujeito é atravessado por diversas situações, condições de existência e identidades.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A renovação trazida pelas abordagens pós-moderna, pós-estruturalista, pós-colonial e dos estudos culturais e subalternos representou um movimento de virada teórico-epistemológico nas diferentes áreas do conhecimento. As ciências humanas passaram a refletir às condições sociais a partir do escopo de um novo tempo e de fortes mudanças nos estilos de vida e nas formas de produção da vida. A produção acadêmica buscou entender as transformações e construir novas formas de pensar a realidade.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Os estudos feministas e de gênero se inseriram no movimento de renovação repensando os seus sujeitos, as formas de observá-los e a complexidade das relações sociais. A centralidade das observações dá lugar aos diferentes enfoques, ao descentramento do que antes tinha uma posição fixa, seja a sexualidade, a maternidade, o papel social da família etc. Os discursos generalizantes deixam de fazer sentido em uma realidade fluida ou líquida, como caracterizado pelo sociólogo polonês, Zygmunt Bauman.

Os efeitos das correntes de renovação atravessaram o feminismo e o colocaram diante de novos desafios que consistem em construir formas de exercer o seu papel político diante das novas configurações sociais. A construção de um debate permanente sobre as questões de opressão de gênero e os seus desdobramentos sociais tem sido um forma de retroalimentação dos estudos feministas e de gênero.

Os rápidos acontecimentos têm sido motores de ativação do ativismo feminista, que atualmente não acontece em isolamento, mas em colaboração entre produção intelectual e os movimentos sociais. Há uma interação das esferas que se concretizam no intercâmbio de experiências acadêmicas e de outras vivências sociais.

O movimento feminista já não tem os mesmos formatos e atores. São várias caras, várias bandeiras, várias cores, várias línguas. Contudo, o projeto político continua sendo pensar as formas de barrar o movimento histórico de opressão das mulheres, das expressões da sexualidade e dos estilos de vida que não se enquadram na matriz heteronormativa.

### REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary. Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade, o Reconhecimento da Diferença e a Perda de Inocência. *Cadernos de Tradução*, v.1, n1, 1996, p. 53-69.
- BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 2, 2013, p. 659-688.
- COSTA, Claudia de Lima. Os estudos culturais na encruzilhada dos feminismos materiais e descoloniais. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 44, 2014, p. 79-103.
- ELÍBIO, Antônio Manoel Jr.; Almeida, Carolina Soccio Di Manno de; Lima, Marcos Costa. EDWARD SAID E O PÓS-COLONIALISMO. *Saeculum - REVISTA DE HISTÓRIA*, v. 29, João Pessoa, 2013, p. 451-462.
- ESCOSTEGU, Carolina D. Stuart Hall e feminismo: revisitando relações. São Paulo, v. 10 n. 3, 2016, p. 61-76.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. DP&A Editora, 11ª ed. Rio de Janeiro, 2006.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. 17. Ed. [Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves] São Paulo: Loyola, 1992.

LYOTAD, Jean-François. A condição pós-moderna. José Olímpio, 12ª ed. Rio de Janeiro, 2009.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo e o pós-estruturalismo. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 3, 2005, p. 483-505.

QUIJANO, Anibal. Notas sobre a questão da identidade e nação no Peru. Estudos Avançados. São Paulo, v. 6, n. 16, 1992, p. 73-80.

SAID, W. Edward. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? 1. Ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.